

ENTREVISTA

Deusa de Malê: empreendedorismo no cenário da moda afro

Deusa de Malê

Por Nágila Oliveira

Revista África e Africanidades: *Quem é Deusa de Malê?*

Deusa de Malê: Meu nome de batismo Carla Regina Simões, mulher negra de 36 anos tataraneta de africanos filha única de 2 funcionários públicos e com orgulho tenho a dizer que nunca repeti um ano letivo. Tenho como formação primária uma escola pública, no ensino fundamental uma escola particular e ensino médio, o SENAC chegando ao ensino superior graduada em Pedagogia e História com especialização em Psicopedagogia (UCM). Chegando a graduação em História fiz minha monografia sobre a Revolta dos Malês. A revolta foi um movimento que ocorreu na cidade de Salvador (Bahia) entre os dias 25 e 27 de janeiro de 1835, organizada por negros e seguidores do islamismo. Em 2005 eu fui a Salvador e conheci o Bloco Malê Debalê um bloco afro de carnaval. Ai me apaixonei de vez pela cultura africana e assim nasceu a deusa de malê.

Revista África e Africanidades: *Como nasce a história do ateliê?*

Deusa de Malê: A loja afro brasileira, *Ateliê Divindade Nagô* foi fundada em 2 de setembro de 2013, foi feita no sentido de dar melhor acolhimento as minhas clientes, no sentido de agregar ideias, dividir histórias, depoimentos com um melhor acolhimento. Vendemos tecidos, torços prontos respeitando a coerência de que uma faixa de cabelo é uma coisa e um torço ou um *ojá* e outra coisa. Valorizamos a cultura afro, a beleza da mulher ou do homem negro. Eu comecei com eventos, vendas, palestras, oficinas com o objetivo de compartilhar a cultura afro a dois anos atrás sobre a origem do turbantes, de nossos antepassados, das matrizes e religiões africanas. Trabalhamos o significado do amarrado fechado e aberto do respeito aos orixás. É necessário

respeitar quem soube chegar aonde a gente chegou, respeitar quem começou o movimento, respeitar as baianas, respeitar o próximo, respeitar os artesãos. Então, antes de colocar a mão na cabeça das pessoas respeite peça licença.

Revista África e Africanidades: *Um espaço destinado a moda afro em Madureira é muito simbólico se lembrarmos como diversos movimentos culturais no bairro ao longo dos anos tem contribuído para a preservação da cultura negra. Quais os motivos da escolha de Madureira para o ateliê e como tem sido a recepção?*

Deusa de Malê: Escolhi Madureira justamente por causa disso subúrbio carioca, berço do samba e de tantos poetas. Minha maior referência e inspiração é o Bloco Afro Agbara Dudu fundado no bairro de Madureira, em 4 de abril de 1982. O nome Agbara Dudu significa em yorubá "força negra". A recepção não foi positiva por muitas africanas que trançam cabelos em seus salões, mas estamos lá para agregar não para dividir. A loja afro-brasileira Ateliê Divindade Nagô é a única que trabalha com turbantes e torços no local, pois há milhares de africanas com seus salões, mas estou lá para afirmar a cultura afro brasileira.

Revista África e Africanidades: *Qual é o perfil dos clientes?*

Deusa de Malê: O Ateliê Divindade Nagô não distingue as pessoas por sua cor de pele. Para usar nossos turbantes, você precisa ter cabeça literalmente. Podem homens ou mulheres, negros, brancos e mestiços. Sem restrições. Deixamos de lado a competição e agregamos, pois queremos multiplicar e não dividir. Fazer entender que o turbante não é um modismo, mas que ele é identidade cultural, pois reflete religiosidade e respeito aos nossos ancestrais africanos.

Revista África e Africanidades: *Quais são os principais desafios encontrados por você, enquanto mulher negra e empreendedora do ramo da moda afro?*

Deusa de Malê: A união de outros empreendedores no ramo da moda.

Revista África e Africanidades: *Qual é a sua percepção sobre o espaço do negro na moda? Houve mudanças reais nos últimos anos?*

Deusa de Malê: Há anos as mulheres negras têm sido excluídas dos editoriais e passarelas de moda e beleza, e conseqüentemente é muito difícil encontrarmos inspirações que de fato traduzam o que procuramos e que não nos tirem nossa identidade. Hoje através de afro empreendedores e movimentos de feiras afros estamos mudando essa visão e mostrando que o negro é capaz de tudo e mais um pouco.